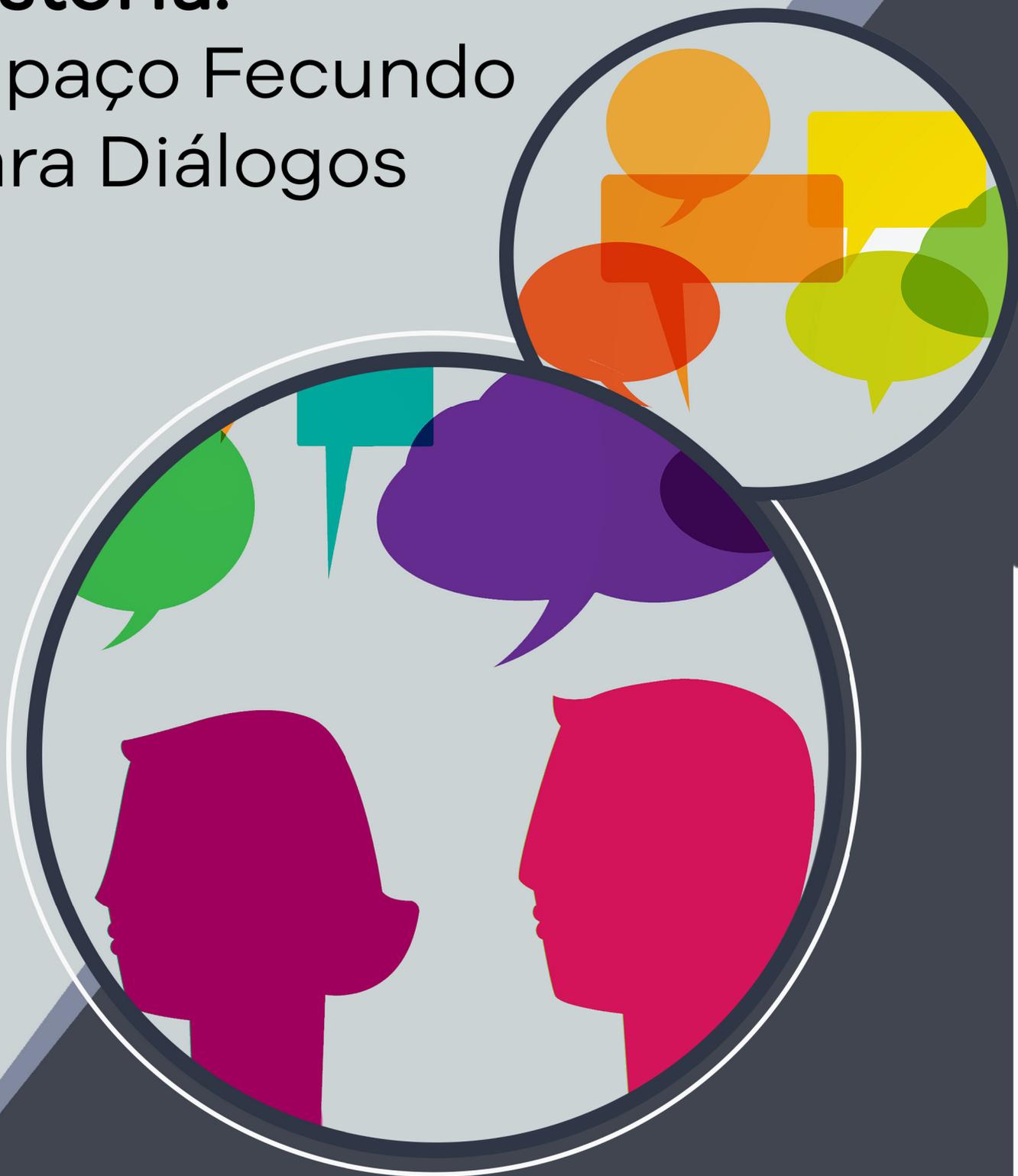


História:

Espaço Fecundo para Diálogos



Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

Denise Pereira
Elizabeth Johansen
(Organizadoras)

História: Espaço Fecundo para Diálogos

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| H673 | História [recurso eletrônico] : espaço fecundo para diálogos / Organizadoras Denise Pereira; Elizabeth Johansen. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-650-8 DOI 10.22533/at.ed.508192709 1. História – Filosofia. 2. Historiografia. 3. Historiadores. I.Pereira, Denise. II. Johansen, Elizabeth. CDD 907.2 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra *História: espaço fecundo para diálogos* oportuniza um olhar diferenciado ao campo da História. Perguntas recorrentes anteriormente como, a História é um campo com especialidades bem demarcadas ou, ao contrário, é tão múltipla que permite infinitas possibilidades de estudo da sociedade? Que “fontes históricas” os historiadores atuais têm acesso para problematizar a vida das sociedades de diferentes épocas? Essas questões, assim como outras, norteiam as discussões historiográficas contemporâneas e se fazem presentes nos diferentes artigos desse livro.

Ao apresentar métodos, aportes teóricos, objetos de estudo privilegiados e fontes históricas utilizadas evita-se delimitar o campo, mas propicia discutir as interconexões existentes entre as diferentes pesquisas divulgadas. Ao mesmo tempo, busca esclarecer as conexões possíveis entre História com outros campos do conhecimento como Sociologia, Antropologia, Geografia, Política, Educação, Religião, Literatura, Museologia, Arquitetura e Arte.

Estudar a sociedade por essa multiplicidade de perspectivas nos leva a constatar que a História é, cada vez mais, um exercício democrático que deve continuar ocupando o centro dos debates atuais.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Elizabeth Johansen

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| EM DEFESA DA OPÇÃO DECOLONIAL NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS: POR UM FUTURO QUE NÃO REPITA O PASSADO | |
| <i>Jaqueline Berdian de Oliveira</i> <i>André da Silva Pereira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927091 | |
| CAPÍTULO 2 | 15 |
| ENTRE A HISTÓRIA E A LITERATURA: A FRONTEIRA NO <i>CANTO GENERAL</i> DE PABLO NERUDA | |
| <i>Gabriel de Souza Fagundes</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927092 | |
| CAPÍTULO 3 | 27 |
| ENTRE CONCESSÕES E TENSÕES: A RELAÇÃO ENTRE SENHORES E ESCRAVOS EM PALMAS/PR (1860-1888) | |
| <i>Maria Cláudia de Oliveira Martins</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927093 | |
| CAPÍTULO 4 | 37 |
| DISPUTAS DA MEMÓRIA: DAS FOSSAS ARDEATINAS À BOMBA NUCLEAR | |
| <i>Douglas Pastrello</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927094 | |
| CAPÍTULO 5 | 47 |
| HISTÓRIA, PASSADO E MEMÓRIA: LEITURAS E APROXIMAÇÕES | |
| <i>Dehon da Silva Cavalcante</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927095 | |
| CAPÍTULO 6 | 58 |
| NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972) | |
| <i>Vinícius de Oliveira Masseroni</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927096 | |
| CAPÍTULO 7 | 74 |
| INTRODUÇÃO À ABORDAGEM HISTÓRICO-EDUCACIONAL | |
| <i>Adelcio Machado dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927097 | |
| CAPÍTULO 8 | 89 |
| EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DAS EX-INTERNAS DO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO DE MONTES CLAROS NO SÉCULO XX | |
| <i>Elizabete Barbosa Carneiro</i> <i>Filomena Luciene Cordeiro Reis</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927098 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 9 | 97 |
| O SISTEMA DE PENSAMENTO NOS MANUAIS DE ENSINO DO SEMINÁRIO EPISCOPAL DE SÃO PAULO (SEC.XIX) | |
| <i>Patrícia Carla de Melo Martins</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.5081927099 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| O ENTRELUGAR DO CAMPO ESTÉTICO MODA-ARTE: UM CONCEITO CONSTRUÍDO HISTORICAMENTE | |
| <i>Camila Carmona Dias</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270910 | |
| CAPÍTULO 11 | 120 |
| PATRIMÔNIOS RECONFIGURADOS: INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS EM EDIFÍCIOS HISTÓRICOS | |
| <i>Gerson Luís Trombetta</i> | |
| <i>Monique Villani</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270911 | |
| CAPÍTULO 12 | 132 |
| UM MUSEU EM DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO CENTRO CULTURAL CASTROLANDA – CASTRO (PR) | |
| <i>Maurício da Silva Selau</i> | |
| <i>João Paulo Corrêa</i> | |
| <i>Samara Hevelize Lima</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270912 | |
| CAPÍTULO 13 | 145 |
| MUSEU MUNICIPAL DE TRÊS ARROIOS A NARRATIVA DA HISTÓRIA NA EXPOSIÇÃO DE LONGA DURAÇÃO | |
| <i>Maurício da Silva Selau</i> | |
| <i>João Paulo Corrêa</i> | |
| <i>Fabíola Pezenatto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270913 | |
| CAPÍTULO 14 | 157 |
| REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA HISTÓRIA DA MEDICINA | |
| <i>Ana Cláudia de Araújo Santos</i> | |
| <i>Daiane Silva Carvalho</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270914 | |
| CAPÍTULO 15 | 170 |
| PROCESSOS CRIMES DE INFANTICÍDIO: DISPUTA PELA VERDADE, PODER E SUJEITOS | |
| <i>Paula Ribeiro Ciochetto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270915 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 16 | 180 |
| A PRODUÇÃO DE VERDADES EM PROCESSOS CRIMINAIS DE VIOLÊNCIA CONTRA A VIDA: MALLET-PR 1913 A 1945 | |
| <i>Júlio César Franco</i> | |
| <i>Hélio Sochodolak</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270916 | |
| CAPÍTULO 17 | 200 |
| RIQUEZA E SOCIEDADE NA COMARCA DE ARACAJU: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIAL DA PRIMEIRA ELITE ARACAJUANA (1855-1889) | |
| <i>Bruna Morrana dos Santos</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270917 | |
| CAPÍTULO 18 | 211 |
| SENSIBILIDADES DE UM ESPAÇO: SER UMA PRINCESA NA MODERNIZAÇÃO REPUBLICANA – FEIRA DE SANTANA 1940 A 1950 | |
| <i>Cristiane Lima Santos Rocha</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270918 | |
| CAPÍTULO 19 | 219 |
| TRAFICO DE ESCRAVOS E FORMAÇÃO FAMILIAR NO TERMO DE SANTO ANTÔNIO DA BARRA – BA (1860-1888) | |
| <i>Célio Augusto de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270919 | |
| CAPÍTULO 20 | 228 |
| ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES HISTÓRICAS PARA O COMPLEXO TERRENO EVANGÉLICO BRASILEIRO | |
| <i>Maralice Maschio</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270920 | |
| CAPÍTULO 21 | 241 |
| “DITADURA NO AR”: UMA VISÃO SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR | |
| <i>Lucas Marques Vilhena Motta</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270921 | |
| CAPÍTULO 22 | 254 |
| A PROVÍNCIA EM PRINCÍPIO, A FRONTEIRA POR MEIO E O IMPÉRIO POR FIM: NETO E CANABARRO NA GUERRA DO PARAGUAI (1864-1865) | |
| <i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270922 | |
| CAPÍTULO 23 | 265 |
| ANÁLISE ICONOGRÁFICA DAS AÇÕES CIVICO-SOCIAIS DO EXÉRCITO NA FRONTEIRA BRASIL/ARGENTINA NA DÉCADA DE 1970 | |
| <i>Ronaldo Zatta</i> | |
| <i>Ismael Antônio Vannini</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270923 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 24 | 276 |
| AS DOZE QUESTÕES FUNDAMENTAIS DE KARL DEUTSCH E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE IRÃ E EUA APÓS A REVOLUÇÃO IRANIANA DE 1979 | |
| <i>David Anderson Zanoni</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270924 | |
| CAPÍTULO 25 | 291 |
| CONTEXTO POLÍTICO JURÍDICO BRASILEIRO DA IMPLEMENTAÇÃO DOS ASSENTAMENTOS NA FAZENDA ANNONI | |
| <i>Simone Lopes Dickel</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270925 | |
| CAPÍTULO 26 | 308 |
| DISPUTAS POLÍTICAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA BRASILEIRA: A CHEFIA DE ARTHUR BERNARDES NO <i>CIDADE DA VIÇOSA</i> | |
| <i>Natália Fraga de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270926 | |
| CAPÍTULO 27 | 318 |
| CRIANÇA INDÍGENA NO BRASIL: O ESTADO DO CONHECIMENTO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NACIONAL | |
| <i>Epaminondas Reis Alves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270927 | |
| CAPÍTULO 28 | 326 |
| A CAPOEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX: DO PODER DISCIPLINAR AO SURGIMENTO DA SOCIEDADE REGULADORA | |
| <i>Jonatan dos Santos Silva</i> | |
| <i>Felipe Eduardo Ferreira Marta</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270928 | |
| CAPÍTULO 29 | 337 |
| A HISTÓRIA POLÍTICA APÓS 30 ANOS DA PUBLICAÇÃO ORGANIZADA POR RENÉ RÉMOND: POSSIBILIDADES ATUAIS DE PESQUISA TENDO COMO OBJETOS GETÚLIO VARGAS E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA | |
| <i>Gabriel da Silva Ferreira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270929 | |
| CAPÍTULO 30 | 349 |
| A ELITE POLÍTICA DA BAHIA NO SÉCULO XIX: OS MEMBROS DO CONSELHO GERAL DE PROVÍNCIA (1828-1834) | |
| <i>Nora de Cassia Gomes de Oliveira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270930 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 31 | 364 |
| A ESTRUTURA FÍSICA DOS CENTROS DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO – CASES COMO INSTRUMENTO DAS (IM) POSSIBILIDADES DE FAVORECIMENTO DE MOBILIDADE DO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL DOS ADOLESCENTES E JOVENS PRIVADOS DE LIBERDADE NO ESTADO DE PERNAMBUCO | |
| <i>Maria Lucia Cavalcante</i> | |
| <i>Maria da Conceição Barros Costa Lima</i> | |
| <i>Laís Cavalcanti de Sá Nogueira</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270931 | |
| CAPÍTULO 32 | 373 |
| A FERRO E FOGO: SIMBOLOGIA NA MARCAÇÃO DO GADO NOS CAMPOS DE PALMAS: 1887 – 1938 | |
| <i>Fabiana Mathias Roncatto</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270932 | |
| CAPÍTULO 33 | 384 |
| A REINVENÇÃO DA NATUREZA: OS IMPACTOS DA INDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA EM GOIÁS | |
| <i>Rodrigo Jurucê Mattos Gonçalves</i> | |
| <i>Rayza Correa Alves Gonçalves</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270933 | |
| CAPÍTULO 34 | 393 |
| A IMPORTÂNCIA DO MUSEU ARQUEOLÓGICO E HISTÓRICO DE COXIM – MS COMO LINGUAGEM PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL | |
| <i>Rosana Carla Gonçalves Gomes Cintra</i> | |
| <i>Douglas Proença de Santana</i> | |
| DOI 10.22533/at.ed.50819270934 | |
| SOBRE AS ORGANIZADORAS | 403 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 404 |

NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS: A CARACTERIZAÇÃO DOS OBJETIVOS DA LUTA ARMADA NA MEMÓRIA DE SEUS MILITANTES (1968 – 1972)

Vinícius de Oliveira Masseroni¹

* Esse texto é uma versão aprimorada da comunicação realizada no IV Congresso Internacional História, Regiões e Fronteiras. Agradeço a todos participantes do GT de História Política, nas pessoas dos coordenadores Alessandro Batistella (UPF) e Marluza Marques Harres (UNISINOS), pelos comentários e sugestões durante o evento. Agradeço também aqueles que tornaram essa publicação possível: Cláudia Masseroni, Gabriel Ferreira, Henrique Hilgert, Marcos Barella, Marina Haack, Maxsuel Maia, Renan Roggia, Thiago Pereira e Vanderlei Silva
À GUIA DE INTRODUÇÃO

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o preenchido de 'tempo- agora' [Jetztzeit].

Walter Benjamin²

No texto que se segue buscaremos introduzir a problemática da disputa sobre as memórias relativas ao período da *luta armada* durante a Ditadura civil-militar brasileira. Precisamos, para seguir esse

objetivo, realizarmos algumas reflexões, mesmo que breves e introdutórias, sobre as questões relativas ao *trato* com a memória dentro da pesquisa histórica. Isso se deve que trabalharemos com entrevistas dos militantes da autorreferida *esquerda revolucionária*.³

No trabalho com entrevistas, como em nosso caso, as fontes orais não são espontâneas, mas provocadas pelas questões postas aos entrevistados. Nesse momento o inquirido passa ao momento de rememoração do passado, no processo de formulação de uma resposta. Nesse sentido, a colocação de Beatriz Sarlo nos parece pertinente, segundo a autora a memória é “uma captura do passado pelo presente”.⁴ Na mesma direção Denise Rollemberg afirma, “o movimento que elege a memória como objeto de história deve pressupor a memória não como ‘verdade do passado’, como ‘presença do passado’, mas como ‘presente do passado’. Aí estão sua

1 Formado em história pela UNISINOS, atualmente é aluno de mestrado em história na mesma instituição com bolsa PROSUC/CAPES. E-mail: Vinicius.masseroni@gmail.com.

2 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*: ensaios sobre literatura e História da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 249.

3 Aqui uma nota se faz necessária. Em meu projeto de mestrado, intitulado “Democracia ou Revolução? Um estudo sobre a memória dos militantes da esquerda armada no Brasil (1968 – 1972)”, trabalho com as entrevistas realizadas pelo sociólogo Marcelo Ridenti, disponíveis no Arquivo Edgar Leuenroth, Universidade Estadual de Campinas (AEL/UNICAMP), Fundo: Militância política e Luta Armada no Brasil. Porém para este trabalho utilizei entrevistas disponíveis na internet de partidários da luta armada no Brasil. Aqui pretendo apenas evidenciar que essas memórias não são unas, mas polifônicas.

4 SARLO, Beatriz. *Tempo Passado*: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 9.

riqueza e sua relevância”.⁵

A questão memória é parte indissolúvel da questão da História Oral. Em nosso tema, em particular, ela se torna muito delicada. Os entrevistados, muitos deles passaram por experiências traumáticas durante a Ditadura civil-militar – desde os exílios forçados até as torturas nos quartéis –, logo, essas memórias se tornam *incomodas*. Aqui achamos importante ressaltar a importância do papel coesionador exercido pela memória no indivíduo não pela coerção, mas pela questão afetiva.⁶ Essas memórias – individuais, mas que dão coesão a um grupo – podem, não descartamos essa hipótese, conter equívocos, intencionais ou não. Por este motivo o trabalho da História Oral e da memória, muitas vezes, foram atacados por essa “fraqueza”. É dispensável lembrar que qualquer fonte é passível de estar errada, mesmo propositalmente. Essa seria uma resposta. Mas estaríamos atacando a História em geral, como disciplina. O cruzamento de dados e fontes é um procedimento básico do *metiér* historiográfico. Não raro os historiadores encontram nos entrevistados informações muito precisas, quando confrontadas com outros documentos. Porém, ainda devemos uma resposta aos Rankeanos. Devemos lembrar que, muitos trabalhos de História Oral e Memória estão *de fato* preocupados com a memória em si, ou seja, com o processo pelos quais os sujeitos (re)constróem essas memórias. Dessa maneira, o equívoco, ou mesmo a mentira, são importantes objetos de análise. Alessandro Portelli lembra que “até mesmo o erro, a invenção e o mal-entendido – e mesmo as mentiras – especialmente quando são socialmente difundidos, tornam-se sintomas preciosos de processos históricos importantes como a memória e o desejo”.⁷

Procuraremos aqui, então, evidenciar, por meio dos relatos de militantes – suas reconstruções da memória – que, apesar de durante muito tempo a esquerda revolucionária ter sido vista como a radicalização da luta pela democracia, isso não está “pacificado nas memórias” dos militantes. Muitos afirmam que lutavam pela *democracia*, outros tantos que lutavam pela *ditadura revolucionária*, ou ainda, *do proletariado*. Quem fala a *verdade*? Quem *mente*? Mas, talvez, o mais importante seja saber o motivo da mudança de discurso.

AS ESQUERDAS NO BRASIL DE 1960

A produção historiográfica sobre as esquerdas⁸ no Brasil já é bastante desenvolvida, e ainda é alvo de interesse dos pesquisadores. Desde o final da década de 1980 essas organizações vêm sendo objeto de estudos de diversos historiadores,

5 ROLLEMBERG, Deníse. História, memória e verdade: em busca do universo dos homens. In: SANTOS, Cecília Macdowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (org). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*, vol. II. São Paulo: Editora Hucitec, 2009, p. 569-577, p. 575.

6 POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, p. 3-15, 1989, p. 3.

7 PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016, p. 19.

8 Optou-se aqui usar o termo no plural, *esquerdas*, já consagrado na bibliografia sobre o tema, por entendermos que o campo progressista era e é múltiplo e informado por vários aportes teóricos. Cf.: AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

filósofos, sociólogos e demais pesquisadores das ciências humanas. Podemos começar pelos estudos já clássicos da historiografia *Combate nas trevas*, de Jacob Gorender,⁹ *A Revolução faltou ao encontro*, de Daniel Aarão Reis¹⁰ e *O fantasma da Revolução brasileira*, de Marcelo Ridenti.¹¹ Esses estudos têm em comum o fato de abordarem as esquerdas dentro do período da ditadura civil-militar, no entanto, as esquerdas têm sido objeto de estudo nos mais diversos períodos da história e com a maior diversidade de ângulos de abordagem.¹²

Mesmo com relevante produção bibliográfica o tema das *esquerdas* tem sido, assim com o período da Ditadura civil-militar como um todo, “vítimas” das memórias. Não é novidade para os historiadores que as sociedades, após o término de regimes autoritários e violentos, tendem a *construir* memórias (sempre em dialética com o esquecimento) harmoniosas, ou ao menos, autocomplacentes com vistas à auto-absolvição. Não se trata, obviamente, de ato pensado a fim de “ludibriar” a História, é uma ação de preservação para que essa sociedade consiga “seguir em frente”, refazendo um passado o qual possa lembrar e lidar. Isso não foi exclusividade brasileira, os alemães pós-regime nazista, os italianos pós-regime fascista e os franceses após o término da ocupação nazista em seu território, parecem ter sofrido a mesma “amnésia pós-traumática” que a sociedade brasileira experimentou após a queda da ditadura em 1985. Dessa maneira cria-se o *mito da sociedade como vítima*.¹³ A sociedade, na reconstrução de sua memória, esquece-se de sua parcela

9 GORENDER, Jacob [1987]. *Combate nas trevas*. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014.

10 O livro é originário da tese de doutoramento em história do professor Daniel Reis, defendida em 1987, transformada em livro em 1990, cf.: AARÃO REIS, Daniel. *A Revolução Faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

11 O livro é originário da tese de doutoramento em sociologia do professor Marcelo Ridenti, defendida em 1989, transformada em livro em 1993, cf.: RIDENTI, Marcelo [1993]. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

12 Alguns estudos importantes sobre as esquerdas são os seguintes: AARÃO REIS, Daniel; FERREIRA, Jorge (org). *As esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007, 3 vol. Em três volumes que somam quase duas mil páginas onde diversos autores abordam as esquerdas nos seus mais diversos matizes (anarquistas, comunistas, socialistas, trotskistas, trabalhistas e etc.) e no período que abarca a proclamação da república até o século XXI. Outra coleção importante é a *História do Marxismo no Brasil*, publicada em seis volumes, com variados organizadores e autores. Sobre as esquerdas na década de 1970 durante a ditadura brasileira ver: ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A Utopia Fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no Mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. Sobre a produção cultural dos comunistas convém consultar: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Comunistas brasileiros: Cultura Política e produção cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Sobre o exílio dos militantes revolucionários: ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*. São Paulo: Record, 1999. O PCB tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: cultura e imaginário dos comunistas do Brasil (1930 – 1956)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1998. SEGATTO, José Antonio. *Reforma e Revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954 – 1964)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. SANTOS, Raimundo. *A primeira renovação pecebista: reflexos do XX congresso do PCUS no PCB (1956 – 1957)*. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1988; PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995. Sem contar a vasta produção de teses, dissertações, artigos e capítulos de livros.

13 Para melhor avaliação das sociedades pós-ditatoriais na Europa, especialmente o regime de Vichy na França, e do *mito da sociedade como vítima* consultar: GROPPPO, Bruno. *Mito da sociedade*

de participação e colaboração com os regimes autoritários, seja colaboração ativa ou simplesmente sujeitando-se às condições impostas. No caso brasileiro, a partir de 1979, a sociedade começa um processo de avaliação – não necessariamente racionalizada – da memória dos *anos de chumbo* e mesmo do golpe de 1964. Passa a rechaçar a ditadura como se nunca houvesse tido nada com aquilo, e vendo-a – a Ditadura – como “corpo estranho”, algo que sempre a sociedade se opôs.¹⁴

A historiografia, a revelia da memória cômoda da sociedade, já demonstrou com inegável quantidade de evidências que os civis não apenas assistiram ao golpe de 1964 e suportaram a Ditadura, mas sim, foram parte ativa nos rumos do país sob o governo dos militares, basta lembrar que grande parte da imprensa saudou o Golpe, instituições como CNBB e OAB, líderes civis como Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek apoiaram a deposição de Jango, que a *família brasileira* saiu às ruas pelo país nas “Marchas da Família com Deus, pela Liberdade” e, também, que todos os vice-presidentes do país sob a ditadura foram civis.¹⁵

Subjacente ao *mito da sociedade como vítima*, surge, sub-repticiamente, o *mito da sociedade resistente*.¹⁶ Não basta não termos tido parte com a Ditadura, também fomos resistentes a ela. É nesse momento que a *memória da esquerda* toma vulto, aquilo que Daniel Aarão Reis chamou, com sua perspicácia usual, de *deslocamentos de sentido*.¹⁷

Contudo, as *esquerdas revolucionárias* não são compreensíveis se não houver uma rápida introdução ao seu contexto de surgimento.¹⁸ É sempre *mister* lembrar que durante a década de 1960 o mundo estava em plena Guerra Fria, logo as lutas entre direitas e esquerdas ganhavam relevo e interesse internacionais. Hoje já é sabido, graças à pesquisa historiográfica e abertura de novos arquivos, da participação dos

como vítima: as sociedades pós-ditatoriais em face de seu passado na Europa e na América Latina. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 39-56.

14 AARÃO REIS, Daniel. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 135.

15 Sobre a participação civil no golpe ver: ARRÃO REIS, 2014, p 48 - 49; DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981; FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014; PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*, vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 71-96.

16 GROppo, 2015, p. 42.

17 AARÃO REIS, 2014, p. 133; ARRÃO REIS, 2002, p. 70.

18 Os trabalhos mais aprofundados sobre o surgimento dessas esquerdas são os já citados: Aarão Reis (1990), Gorender (2014) e Ridenti (2010). Para um panorama mais sintético de contextualização do surgimento e fragmentação dessas organizações, ver: RIDENTI, Marcelo. Esquerdas armadas urbanas: 1964 – 1974. In: _____; AARÃO REIS, Daniel (orgs.). *História do Marxismo no Brasil*, vol. VI. Campinas: Editora Unicamp, 2007a, p. 105-152; RIDENTI, Marcelo. Esquerdas Revolucionárias armadas nos anos 1960-1970. In: FERREIRA, Jorge; AARAÃO REIS, Daniel (orgs.). *Revolução e democracia (1964 – ...)*, (Coleção as esquerdas no Brasil, Vol. III). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b, p. 21-52; ROLLEMBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida. *O Brasil Republicano. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013, p. 43-92.

Estados Unidos da América no golpe civil-militar no Brasil.¹⁹ Tendo isso em vista, é importante tentarmos trazer a tona o contexto do início da década de 1960, as revoluções vitoriosas que inspiraram grande parte da juventude daquela época, especialmente a Revolução Cubana de 1959 (inicialmente nacional democrática e, posteriormente, em 1962 assumindo caráter socialista) e a Revolução Argelina, de 1962, contra o colonialismo francês. Esse contexto internacional animava grande parte das esquerdas brasileiras ainda antes de 1964, são elas: Partido Comunista Brasileiro (PCB); Partido Comunista do Brasil (PC do B); Organização Revolucionária Marxista – Política Operária (ORM-POLOP ou, simplesmente, POLOP); Partido Operário Revolucionário Trotskista (POR-T); a juventude católica de esquerda, aglutinada na Ação Popular (AP); os nacionalistas radicais do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) liderados por Leonel Brizola; também, o movimento capitaneado por Francisco Julião que reivindicava a Reforma Agrária, as Ligas Camponesas que, ainda em 1962, realizariam uma das primeiras tentativas de implantação de uma guerrilha rural. Esse movimento, surgido dentro das Ligas Camponesas, foi chamado de Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT).²⁰

É necessário ressaltar a importância do PCB dentro do nosso estudo, ainda que trabalharemos apenas com as organizações armadas. Apesar de sempre tecer críticas abertas à luta armada, no pós 1964 o PCB perderá grande número de militantes para as organizações *revolucionárias*. Sendo ele o maior partido marxista até o golpe civil-militar, também foi o maior alvo de críticas dos militantes que surpreenderam-se com seu imobilismo e despreparo no combate ao contra o golpe. Dessa maneira, no pós-64, vários foram os “culpados” pelo imobilismo esquerdas: Jango; o PCB – especialmente Luís Carlos Prestes; a retórica inflamada de Brizola e, também, as esquerdas de menor expressão, tais como, PC do B, POLOP e AP.

O PCB foi quem mais sofreu com *rachas*²¹, alguns deles são: Ação Libertadora Nacional (ALN), originária da ruptura de Carlos Marighella em 1967, quando esse velho militante participa de um evento em solidariedade a Cuba sem autorização partidária. Ao retornar de Cuba, Marighella já expulso do PCB, leva grande parte dos militantes de São Paulo – onde o mesmo residia na época – esses dissidentes ficaram conhecidos como “Ala Marighella”, posteriormente adotam o nome de “Agrupamento

19 Sobre a participação dos EUA no golpe e apoio à ditadura ver: FICO, Carlos. *O grande Irmão: da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008. Convém sempre lembrar que não devemos exagerar a influência do apoio dos agentes externos no golpe brasileiro, sob o risco de vermos a história brasileira simplesmente como brinquedo internacional e, também, sob risco de “absolvermos” aqueles que perpetraram o golpe pois estavam apenas “a reboque” de Washington, cf.: AARÃO REIS, Daniel. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 29-52, p. 33.

20 Não confundir com agrupamento homônimo do final da década de 1960. A tentativa de implementação de uma guerrilha rural, ainda sob governo constitucional de João Goulart, foi desbaratada antes mesmo de Julião conseguir lançar a guerrilha, cf.: RIDENTI, 2017a, p. 133, nota 3.

21 Denominação dos militantes para quando um grupo saía de um partido/organização para fundar outra.

comunista de São Paulo” e, em 1968, denominam-se de Ação Libertadora Nacional.²² Outro fruto de cisão do PCB foi o Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), cujos militantes, derrotados do VI Congresso Nacional do PCB, discordavam da linha *pacifista* defendida por Prestes. Dessa organização que optará pelas ações armadas com vistas a desencadeamento da guerrilha rural fizeram parte conhecidos comunistas como Jacob Gorender, Apolônio de Carvalho e Mário Alves. As *Dissidências* (DI's), de origem estudantis, resultaram na formação das organizações mais radicais. As mais importantes foram: Dissidência de São Paulo (DISP), que posteriormente cederá seus militantes a várias organizações, a principal foi a ALN; Dissidência do Rio de Janeiro (DI-RJ), futuro Movimento Revolucionário Oito de Outubro (MR-8); Dissidência da Guanabara (DI-GB) que, após o desbaratamento do MR-8 (DI-RJ), assumirá o nome da organização (MR-8), o qual assina o manifesto de captura do embaixador americano no Brasil, Charles Burke Elbrick, em 1969; outras dissidências importantes foram as dissidências do Rio Grande do Sul (DI-RG) e do Distrito Federal (DI-DF). A DI-RG posteriormente se fundiu com militantes dissidentes da POLOP e fundaram o Partido Operário Comunista (POC), em 1970.²³

Mas não apenas o PCB sofreria com a perda de militantes. O PC do B sofreria com diversas divisões.²⁴ As mais importantes foram em 1966 o Partido Comunista Revolucionário (PCR), de Pernambuco e a Ala vermelha do PC do B (ALA). Essa última formada por militantes retornados da China e insatisfeitos com a demora do desencadeamento da guerrilha rural por parte do PC do B. A ALA também sofreu com minúsculas cisões, em um partido já minúsculo, como o Movimento Revolucionário Tiradentes (MRT)²⁵ e o Movimento Revolucionário Marxista (MRM), de 1969 e 1970, respectivamente.²⁶

A POLOP também sofreria com *rachas*. Os principais foram: a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR); os Comandos de Libertação Nacional (COLINA) e a Vanguarda Armada Popular – Palmares (VAR-Palmares). Cada qual também com suas respectivas rupturas e reorganizações.

Como podemos ver, o golpe civil-militar serviu para que os militantes das organizações originárias – a saber PCB, POLOP, PC do B – questionassem os rumos e decisões tomadas por essas organizações. O interessante de notar nessa miríade de partidos e organizações clandestinas é que, em sua maioria, queriam a deflagração de uma guerrilha rural. As organizações originárias do PCB e ALN propunham uma guerra de guerrilhas nos moldes do *foco guerrilheiro* castro-guevarista. Já as organizações ligadas, originalmente, ao PC do B primavam pela influência maoísta e a *guerra popular prolongada*. Os *descendentes* da POLOP eram influenciados pelo

22 RIDENTI, 2007a, p. 110.

23 Sobre as dissidências estudantis ver: RIDENTI, 2007a, p. 114-118.

24 Lembrando que o próprio PC do B é um dissidência do PCB, de 1962, reivindicando serem os continuadores do Partido fundado em 1922, cf.: AARÃO REIS, 1989, p. 34-39.

25 Não confundir essa cisão da ALA, o MRT, com o MRT originário das Ligas Camponesas.

26 Para uma análise sintética da “família” originária das dissidências do PC do B, ver: RIDENTI, 2007a, p. 126-129.

mito da Revolução Cubana, assim como a ALN.²⁷ No entanto, o único partido que efetivamente conseguiu implementar a guerrilha rural foi o PC do B, na região do Araguaia.

Esses diversos *rachas* permitem que usemos a feliz expressão de Marcelo Ridenti que enxergou nas esquerdas brasileiras uma verdadeira constelação de organizações.²⁸ Porém, ao analisarmos a documentação produzida por essas diversas organizações, fica evidente o caráter ofensivo daquela luta. Não era apenas a *luta pela democracia*²⁹, esses militantes almejavam uma revolução social. Chegamos a tal conclusão na leitura da bibliografia sobre tema – já bastante citada aqui –, mas, também, pelo livro organizado por Daniel Aarão Reis e Jair Ferreira de Sá, *Imagens da Revolução*.³⁰ Este trabalho reúne diversos documentos das organizações revolucionárias entre os anos 1961 e 1971. Os organizadores próprios foram militantes da esquerda revolucionária, Daniel Reis dirigente da DI-GB/MR-8 e Jair Ferreira de Sá militante da Ação Popular/Ação Popular Marxista-Leninista. Esse trabalho além de fonte de consulta nos serviu, também, como objeto de pesquisa.

Essas organizações tinham *visões de Brasil* diferente. De modo geral, as que vinham como *rachas* do PCB, mantiveram a análise do Brasil com *resquícios feudais* no campo e que a Revolução deveria realizar-se em duas etapas, a primeira de libertação nacional (antiimperialista), com participação maior ou menor da *burguesia* brasileira e, posteriormente haveria uma revolução de caráter socialista.³¹ Como dito, a maioria das organizações oriundas do PCB mantiveram a mesma análise, excetuando-se a DI-GB/MR-8, que definia que a *burguesia* nacional já estava integrada com o grande capital estrangeiro, sendo assim o caráter da Revolução Brasileira seria socialista. Outras eram as divergências, a forma de organização era um debate recorrente: ou na forma de partido leninista centralizado (PC do B, PCBR e ALA), ou comandos revolucionários descentralizados (ALN e COLINA).³²

Já na década de 1970, no exílio, muitos militantes realizaram um balanço da luta armada. Já aparecem as primeiras críticas, constatação do isolamento político e

27 O mito difundido da Revolução Cubana está ligado ao fato, difundido pelos próprios líderes daquela Revolução, que bastava um punhado de homens corajosos e se poderia deflagrar uma revolução, ver: ROLLEMBERG, 2013, p. 60.

28 RIDENTI, 2010, p. 27.

29 É importante lembrar que o desejo de Revolução não exclui a possibilidade de ambição de um regime mais democrático. Porém, estou disposta a concordar que as organizações revolucionárias desprezavam a “democracia liberal burguesa”. No projeto de mestrado no qual trabalho atualmente essa definição do conceito de democracia é parte seminal da pesquisa. No entanto, para esse trabalho a definição e debate sobre o conceito não é fundamental, já que espero evidenciar que as memórias divergem sobre o objetivo da luta armada.

30 AARÃO REIS, Daniel; SÁ, Jair Ferreira de (org). *Imagens da Revolução*: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 – 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

31 RIDENTI, 2010, p. 36.

32 Para não nos estendermos, havia ainda o debate entre a maior ou menor importância dos trabalhadores na revolução. A VPR, inspirada em Frantz Fanon, sustentava que o lumpemproletariado era a *nova* força revolucionária. Se as ações armadas deveriam se focar no campo ou na cidade (apesar da grande maioria nunca ter lançado a guerrilha rural, defendiam que essa era a prioridade da luta revolucionária). Para uma melhor compreensão do debate entre as esquerdas ver: RIDENTI, op. cit., p. 27-70.

social da esquerda armada. Porém, como definiu Daniel Aarão Reis, o ano de 1979 com a anistia foi essencial nos *deslocamentos de sentido*, na memória das esquerdas brasileiras. A sociedade passou a enxergar-se como vítima da ditadura e viu nos jovens *revolucionários* sua mais radicalizada luta democrática. Uma construção da memória. Como salientou o historiador, as esquerdas que perderam a batalha na história, saíram vencedoras nas batalhas da memória.³³ Segundo Daniel Arrão Reis,

criaram-se assim as condições para que, no interior da luta pela anistia, se operasse uma notável reconstrução: a luta armada ofensiva contra a ditadura militar, com objetivo de destruir o capitalismo e instaurar uma ditadura revolucionária, ou seja, o projeto revolucionário transmutou-se em resistência democrática contra a ditadura. As organizações revolucionárias, *malgré elles-memê*, foram recriadas como alas extremadas da *resistência democrática*. Ora, e de acordo com as elaborações prevalecentes no apagar das luzes do regime ditatorial, como todos, ou quase todos, haviam resistido, aqueles bravos rapazes e moças de armas na mão ganhavam seu lugar, legítimo como os desesperados de uma nobre causa, os equivocados de uma luta justa, agora, afinal, triunfante, a redemocratização. (grifos no original)³⁴

Podemos interpretar essa reconstrução como uma das formas da sociedade brasileira conseguir harmonizar seu passado para poder adentrar o período democrático, como lembra Bruno Groppo, “uma sociedade recém-saída de uma ditadura raramente está pronta a se questionar de maneira crítica sobre esse passado, porque a verdade frequentemente é desagradável, dolorosa e difícil de aceitar”.³⁵ Dessa maneira a sociedade brasileira construiu uma memória com a qual poderia lidar.

Porém, essas memórias são construídas *a posteriori*, a partir de valores que foram adquiridos posteriormente. O valor das esquerdas revolucionárias não era a “democracia”, mas a “revolução” – ainda que esses valores não se excluam, necessariamente. Dessa forma o *mito da sociedade resistente* serve a conciliação da sociedade, mas não à História. Segundo Pierre Laborie, “a apropriação da Resistência como bem comum serviria de cortina de fumaça. Ela favorecia a amnésia e evitava dolorosos exames de consciência”.³⁶ Denise Rollemberg sintetiza o problema, a eliminação da participação civil no golpe tem

como desdobramento desta interpretação, a democracia estruturaria a cultura política brasileira. O ano de 1979 teria sido decisivo, nesta elaboração, momento de *conciliação nacional*, quando se *construía a democracia* sem *resolver* o passado, sem *esclarecer* como e por que os militares haviam sido vitoriosos em 1964 e permaneciam no poder desde então. (grifos no original)³⁷

É conveniente salientar que se “as esquerdas”, ou parte delas, “não eram

33 AARÃO REIS, 2004, p. 30.

34 Ibidem, 48-49.

35 GROPPPO, 2015, p. 41.

36 LABORIE *apud* ROLEMBERG, 2009, p. 574.

37 ROLLEMBERG, 2009, p. 572

democráticas, tampouco o eram as direitas”.³⁸ Nessa avaliação há de ser historicizado o conceito de democracia. Muitas vezes esses militantes das *esquerdas revolucionárias* buscaram legitimar ações e posturas no presente, por meio, de suas ações passadas. Inclusive valendo-se desse passado politicamente no presente, porém, reconstruído a partir da mistificação ou da *ideologia* da resistência.³⁹ Entendemos que é de fundamental importância que o campo progressista compreenda seu passado a luz dos ideais que os formaram e, também, os motivos que os levaram a *esquecer* seus reais objetivos na luta revolucionária. Como bem lembrou Marcelo Ridenti, o pesquisador não tem controle do uso (devido ou não, honesto ou não) dos seus estudos e conclusões. Logo pensamos ser importante que nesse trabalho não está em questão o julgamento moral dos militantes ou pior, não acreditamos que eles mudaram seus discursos com a finalidade de enganar a sociedade, mas entendemos isso como um processo natural de construção da memória que toda sociedade que emerge de uma Ditadura de mais de duas décadas está sujeita.⁴⁰

NA DISPUTA DAS MEMÓRIAS

Nesta seção do trabalho selecionamos quatro falas de quatro militantes, essas passagens selecionadas, cabe ressaltar, foram escolhidas pela sua diversidade, não obedecendo uma sistemática específica. Meu principal objetivo é evidenciar que não há unicidade nas memórias desses militantes, apesar de somente uma ter ganhado destaque na “memória nacional” – a saber, a memória de uma *resistência democrática*.

Também é importante ressaltar que os relatos que trouxemos para esse trabalho são de pessoas que ainda se definem como “pessoas de esquerda” – ainda que este também seja um termo polissêmico. Começamos pela fala de Eduardo Jorge que militou pelo PCBR e foi fundador do Partido dos Trabalhadores (PT). Eduardo Jorge se define como: “sendo um socialista, portanto de esquerda. Mas sou uma pessoa que acredita que a democracia é uma questão essencial”.⁴¹ Portanto, não se trata de alguém *ressentido* com determinada visão política, ainda que Eduardo Jorge manifeste avaliações muito críticas às ações e visões da esquerda armada, com a qual mantém uma relação bastante ambígua durante a entrevista. Por exemplo, ao falar da direção do PCBR, Eduardo Jorge fala da *excelência* de seus antigos comandantes, cita Jacob Gorender, Mário Alves e Apolônio de Carvalho. A esse último

38 RIDENTI, Marcelo. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 53-66, p. 63.

39 Ibidem, p. 58.

40 Não se trata de considerar que a sociedade brasileira estava entre duas forças, a ditadura dos militares, ou o avanço revolucionário. Equiparar militantes revolucionários que pegaram em armas, que mal chegavam a casa dos milhares, com o exército nacional bem equipado, seria no mínimo, desmedido. Cf.: AARÃO REIS, 2002, p. 70-71; RIDENTI, op. cit., p. 63-64.

41 JORGE, Eduardo. *FLUXO com Eduardo Jorge (parte 1)*. Entrevistador: Bruno Torturra. Moun-tain View: Google, 2014 (ca. 25 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M54n-1x_7Da8> acesso em: 10 de setembro de 2018.

rende um longo elogio:

Quem era que era a direção, só pra você ter uma noção na qualidade da direção do PCBR [...] Eu to falando de Mário Alves, eu to falando de Jacob Gorender, Apolônio de Carvalho. Apolônio de Carvalho o mais gentil dos comunistas que eu já conheci na minha vida. Um homem... militar do exército. Resistiu à ditadura do Vargas. Fugiu pra Espanha, lutou na... Guerra Civil espanhola com os Republicanos. De lá, fugiu pra França, entrou na resistência francesa. Casou com uma francesa. Veio com todas as condecorações da resistência francesa, esse era o Apolônio [risos]. Esses eram meus líderes, Apolônio, Mário Alves, Jacob Gorender.⁴²

Porém, ao falar do Partido, como instituição não personificada, Eduardo Jorge tece duras críticas aos posicionamentos, dos quais, eram adeptos:

Nós éramos pela ditadura do proletariado. Nós éramos contra a ditadura militar. Mas éramos a favor da ditadura do proletariado. Isso aí é preciso dizer a verdade toda. Às vezes eu ouço meias verdades. Como a ditadura militar nos oprimiu barbaramente. De forma violenta, muitas vezes as pessoas pensam que não existiam, no campo da esquerda, coisa igual e até pior, em vários aspectos. O Stalin e o Hitler, eles disputam pau a pau a medalha de ouro de genocidas na história recente. E o Mao Tsé-Tung vinha ali na medalha de prata [...] Eu sou de esquerda, sim! Mas sou uma pessoa de esquerda, um socialista que acredita que a democracia é um regime que a gente tem que preservar, valorizar e cultivar.⁴³

Dessa forma Eduardo Jorge busca manter uma visão positiva de seus *comandantes*, mas altamente crítica as suas ações. É importante lembrar que essa entrevista foi concedida enquanto Eduardo Jorge era candidato à presidência da República, em 2014, pelo Partido Verde (PV). Quando Eduardo afirma continuar sendo “socialista”, logo, ele busca se manter num determinado campo político, à esquerda. Contudo, sem negar a sua participação na luta armada, afirma que a democracia não era seu horizonte.

Outra figura emblemática da luta armada, foi Vera Sílvia Magalhães, ficou famosa por ser a única mulher a participar do sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick. Vera foi militante da DI-GB/MR-8, presa, torturada e exilada. Símbolo da luta pelo fim da tortura nos quartéis do Brasil, devido a foto no momento de sua libertação, Vera saiu tão vilipendiada do presídio, que não podia caminhar, estava numa cadeira de rodas. A militante lembra com orgulho de seu tempo de combate a Ditadura, segundo ela:

Ah valeu! Só não valeu pra quem morreu. É contraditório o que eu *to* dizendo. Mas é... como eu te digo, eu adquiri... não tinha nada de melhor a ser feito [luta contra a ditadura] na minha geração. Eu acho que o que havia de melhor na minha geração, fez o que eu fiz, essa era a nata da geração. Fez errado? Não importa! As intenções e a experiência que acumulou tava nesse núcleo que resistiu à Ditadura.⁴⁴

42 JORGE, 2014.

43 JORGE, 2014.

44 MAGALHÃES, Vera Sílvia. *Memória Política – Vera Sílvia Magalhães*. TV Câmara. Mountain View: Google, 2011 (1h 00 min 57s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8fUe7vs->

O mais interessante, contudo, é a avaliação que Vera faz da opção *revolucionária*. Mesmo afirmando que o melhor de sua geração fez aquilo que ela mesma fez, doravante, luta contra a Ditadura, ou melhor, luta armada contra a Ditadura, Vera condena essa mesma opção durante a mesma entrevista:

Aí ficou [depois da *queda* do congresso de Ibiúna e da promulgação do AI-5] na vanguarda do movimento – aí já não mais o movimento estudantil –, o movimento social de tomada do poder. É isso que nós queríamos, e transformação daquilo em socialismo. E que nós não éramos contra a ditadura, nós éramos contra a ditadura militar-burguesa, mas nós éramos a favor da ditadura do proletariado, isso ninguém diz, mas tem que dizer, porque faz parte da nossa história.⁴⁵

E completa num momento posterior,

A gente não é conservador, não adianta! Não é no amor, não é com homem, não é no trabalho. Eu sou sempre uma pessoa revolucionária [...] Sou contra a ditadura do proletariado sou contra qualquer tipo de ditadura [...] o que não quer dizer que eu não deixe de, nas minhas aulas, na minha micropolítica [de] transmitir uma ideia socialista, entendeu? Eu sou uma socialista.⁴⁶

As palavras de Vera Sílvia Magalhães, assim como as de Eduardo Jorge, são eivadas, num primeiro olhar, de contradições. Ou seja, considera que fez o certo – lutou contra a Ditadura –, mas com a finalidade errada – almejando uma ditadura de esquerda. E, afinal, por que essas memórias da luta pela *ditadura do proletariado*⁴⁷ ficaram esquecidas, ou não ganharam o devido espaço na memória sobre o período?

Defendendo outra percepção da luta armada, como uma espécie de luta pela democracia, temos outra gama de militantes. Talvez um dos mais famosos seja o ex-líder estudantil, fundador do PT e ex-ministro chefe da casa Civil, José Dirceu. Dirceu foi um importante líder estudantil, libertado pelo sequestro do embaixador americano em 1969. Fez treinamento guerrilheiro em Cuba, onde ingressou numa dissidência da ALN, o Movimento de Libertação Popular, sigla MOLIPO. Em recente entrevista, em razão do lançamento de seu livro de memórias, ao ser perguntado por Paulo Henrique Amorim quando ele – Dirceu – se deu conta que deveria lutar pela democracia – numa alusão, sub-reptícia, de que, anteriormente, ele não lutava – ele responde da seguinte maneira,

Não! Sempre, nós nunca fomos contra... Nós queríamos “volta a democracia”,

acesso em: 10 de setembro de 2018.

45 MAGALHÃES, 2011.

46 MAGALHÃES, 2011.

47 Aqui não vou me deter na definição teórica do que seria, dentro da teoria marxista, uma *ditadura do proletariado*, já que os entrevistados utilizam a ideia, ao que tudo indica, como uma simples oposição a ditadura militar de direita. Caso seja do interesse do leitor, Lenin, líder bolchevique e autor influente nas esquerdas armadas brasileiras, desenvolveu, no livro *O Estado e a Revolução*, uma concepção do que seria uma *ditadura do proletariado*. Cf: LENIN, Vladimir Ilyich Ulyanov. *O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na Revolução*. São Paulo: Editora expressão popular, 2007, p. 106-111.

a ditadura que implantou no Brasil... Isso também é... às vezes fala “eles eram totalitários, também. Que eles eram *socialista*”. Eu, por exemplo, quando invadiram a Checoslováquia, o pacto de Varsóvia, eu fui contra, tá na Folha de São Paulo. Vieram me entrevistar, eu falei: “Sou totalmente contra, eu luto aqui pela democracia, como é que eu posso ser contra as reformas que estão sendo feitas pelo [Alexander] Dubček na Checoslováquia” entendeu?! Nós lutávamos pela democracia, nós queríamos a volta da democracia, nós *távamos* lutando contra a Ditadura. Os partidos e as organizações políticas, muitas delas, tinham programas democráticos nacionalista, ou de libertação popular como MOLIPO, é o movimento de libertação popular, né? Não tinha programas socialistas, entendeu? O caráter da Revolução brasileira é outra discussão[...] Agora, isso não tira a legitimidade de um imperativo moral de resistir à Ditadura, e o direito natural que nós temos a rebelião quando se implanta um governo de opressão, e um governo... uma ditadura, inclusive a carta da ONU nos dá esse direito.⁴⁸

Dirceu faz uma importante ressalva, ao qual já nos referimos na seção anterior. Realmente a discussão sobre o *caráter da Revolução brasileira* era uma questão em aberto. Mas, não é verídico que não existissem programas socialistas para o Brasil. Duas das mais importantes organizações da luta armada defendiam uma Revolução Socialista para o Brasil, são elas: A POLOP e seu *Programa Socialista para o Brasil*⁴⁹; e o MR-8 em sua *Linha Política e orientação para prática*.⁵⁰ Ambas organizações defendiam o caráter socialista da Revolução Brasileira. Mas a ressalva de Dirceu é importante. Não raramente os militantes da esquerda armada são acusados de defenderem, ou se inspirarem em regimes autoritários. Isso, em nosso entender, carrega uma boa dose de anacronismo. As organizações da *esquerda revolucionária* tinham, basicamente, três grandes inspirações, a Revolução Cubana, a Revolução Chinesa (principalmente a Revolução Cultural) e as revoluções do Terceiro Mundo, de caráter de *libertação nacional*. Em alguma medida, reivindicavam a Revolução Russa de 1917, mas negando o período stalinista posterior. Dessa maneira, esse militantes não estavam a par dos acontecimentos e de todos desdobramentos da Revolução Cultural chinesa, por exemplo. Hoje é público e notório as violações de direitos humanos em grande parte dessas revoluções, mas, na década de 1960 e início de 1970 esses militantes não tinham tais informações e ainda mantinham idealizações desses processos revolucionários.

O último depoimento que trazemos é do militante Manoel Cyrillo. Integrando a ALN, Cyrillo também fez parte do grupo que sequestrou o embaixador estadunidense. Na passagem que trazemos, Cyrillo traz suas influências e *como e porque* passou

48 DIRCEU, José. *Lula é o maior ídolo do Dirceu*. Entrevistador: Paulo Henrique Amorim. Mountain View: Google, 2018. (1h 15 min 16 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MxU_AJ-CqVWc&t=615s> acesso em: 10 de setembro de 2018.

49 O documento pode ser consultado em: ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA MARXISTA – POLÍTICA OPERÁRIA. Programa Socialista para o Brasil. In: AARÃO REIS, Daniel; SÁ, Jair Ferreira(org). *Imagens da Revolução*: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 – 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 89-116.

50 Cf.: MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO. Linha política e orientação para prática. In: AARÃO REIS, Daniel; SÁ, Jair Ferreira (org). *Imagens da Revolução*: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 – 1971. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985, p. 340-356.

a integrar uma das mais radicais organizações *revolucionárias* do Brasil. Em suas palavras:

Aí entra a minha história. Eu vinha de uma turma de bairro, nas Perdizes, que se reunia na padaria. E dois ou três companheiros, amigos, começaram a trazer discussões da conjuntura da época, acompanhando leitura de jornal e discutindo coletivamente, e isso foi evoluindo, foi crescendo. Entrei na luta pela resistência democrática; minha revolta foi por aí. E daquela turminha da padaria, depois de lermos *Por que resisti à prisão* [livro de autoria de Carlos Marighela], eu e quatro companheiros entramos na ALN, no GTA [grupo tático armado] da ALN.⁵¹

O relato é bastante interessante. Cyrillo faz questão de ressaltar que participou da luta armada pela “*resistência democrática*” e após a leitura do livro de Marighela. Sua entrada não foi num setor de “massas” – designação dada pelo militantes que integravam à seção das organizações responsáveis pela ação junto à população – mas diretamente no GTA, setor mais importante e ofensivo das esquerdas armadas. Nosso intento aqui não é comprovar que Cyrillo *mentiu* ou falou a *verdade*. A sua declaração pode ser muito bem aquilo que ele considera ter feito, ou, não nego essa possibilidade, que *de fato* esse tenha sido o motivo de entrar para a luta armada. É importante ter em mente, por exemplo, que, as organizações que pegaram em armas durante a Ditadura, tiveram importante no papel de trazer à tona a imagem de exceção desse regime. Isso pode ter atraído muitos militantes que desejavam derrubar a Ditadura, ainda que sem um projeto claro sobre o que viria a seguir. No entanto, na documentação dessas organizações os objetivos eram sempre ofensivos contra a Ditadura, e não de restauração da democracia pré 1964. Os militantes poderiam ter opiniões diversas daquelas manifestadas pelas organizações? É possível, porém, cremos que as intenções das organizações se sobrepujavam a dos militantes isolados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes da finalização desse texto, gostaríamos de realizar algumas considerações. Primeiramente, é totalmente fora de nosso propósito realizar qualquer tipo de “juízo moral” das ações realizadas pelas esquerdas armadas nas décadas de 1960-70. Essa ressalva é importante devido às operações historiográficas realizadas por um número ínfimo de historiadores e, também, um número maior de jornalistas e políticos que tentam, por meio de um revisionismo imprudente, resguardar ou comemorar o golpe de 1964 e a Ditadura subsequente. Em recente declaração infeliz, o presidente do Supremo Tribunal Federal, José Antônio Dias Toffoli, comparou o incomparável. Deu sobrevida a *Teoria dos Dois Demônios*.⁵² O eminente ministro alegou que não se deveria chamar o ocorrido em 31 de março de

51 DA-RIN, Silvio. *Hércules 56: o sequestro do embaixador norte-americano em 1969*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 294.

52 Criada na Argentina e depois “importada” para o Brasil, a dita teoria alegava que os golpes militares eram justificáveis, pois, se os militares não dessem o golpe, as esquerdas o dariam.

1964 (ou primeiro de abril) nem de *Golpe*, nem de *Revolução*, mas sim de *movimento* de 1964. O presidente do Supremo afirmou,

Não foi um golpe nem uma revolução. Me refiro a movimento de 1964. Hoje, afirmo isso graças ao ensinamento do ministro da Justiça, Torquato Jardim [...] Foi apropriado tanto para a esquerda quanto para a direita criticar a ditadura. A crítica, especialmente da sociedade conservadora, gerou um desgaste da legitimidade do governo.⁵³

Interpretações como essa tem tomado vulto mesmo com dezenas de argumentos, evidências e produção bibliográfica apontando o contrário. Tendo isso em mente, nosso trabalho não se insere nessa onda revisionista que tem assolado o Brasil. Mas não queremos, também, pecar pelo oposto e realizarmos um trabalho de “elogio” aos “heróis” nacionais. Como alertou Marcelo Ridenti, não devemos nos deixar persuadir pela *ideologia da resistência democrática*.⁵⁴ Diversos autores têm discutido se o conceito de *resistência* seria apropriado para pensar as organizações de esquerda no Brasil. Daniel Aarão Reis nega que as esquerdas armadas tenham participado da resistência contra a ditadura e enfatiza seu caráter ofensivo e revolucionário. Aarão Reis destaca,

Um primeiro *deslocamento de sentido*, promovido pelos partidários de uma ampla anistia, apresentou as esquerdas revolucionárias como parte integrante da *resistência democrática*, uma espécie de braço armado dessa resistência. Apagou-se, assim, o caráter revolucionário da proposta que havia moldado aquelas esquerdas. Ou seja, apagou-se o fato de que eram partidárias de uma ditadura revolucionária para efetuar as transformações radicais, essenciais à construção de uma sociedade livre da exploração e da opressão. Do ponto de vista histórico, não havia aí nada de inusitado ou excepcional, pois os modelos revolucionários do século XX haviam desembocado, realmente, em experiências ditatoriais. (grifos no original)⁵⁵

O professor Marcelo Ridenti, em contrapartida, afirma que, por mais que houvesse um projeto ofensivo, o papel das esquerdas no Brasil teria sido de resistência, mas concorda que não se deve utilizá-lo acompanhado do adjetivo *democrática*, a fim de evitar mal entendidos. Há de se incluir nesse debate o recente trabalho da professora Denise Rollemberg onde faz um levantamento historiográfico e teórico dos usos do conceito de *resistência*, tendo em vista, principalmente a França sob regime de Vichy. Segundo Denise Rollemberg, o conceito de *resistência* poderia ter tanto o sentido de lutar pela manutenção ou restabelecimento de uma ordem anterior, ou como um sentido ofensivo contra a ordem estabelecida.⁵⁶

53 ROCHA, André Ítalo; BRIDI, Carla. Toffoli diz que prefere chamar ditadura militar de 'movimento de 1964'. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1 Out. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,toffoli-nao-vi-projeto-nacional-mesmo-a-uma-semana-da-eleicao,70002527529>> acessado em 29 de outubro de 2018.

54 RIDENTI, 2004, p. 57-58.

55 AARÃO REIS, 2014, p. 133-134.

56 ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades.

Chegando ao fim deste breve texto, buscamos evidenciar o caráter múltiplo das memórias dos militantes da luta armada. Apesar de, durante um longo tempo, a memória que prevaleceu na sociedade foi a memória da *resistência democrática*, isso não está pacificado nem entre os próprios partícipes da *luta revolucionária*. Compreender melhor os objetivos dessas esquerda também faz parte de um projeto político contemporâneo, que busca combater àqueles que querem atribuir a culpa às esquerdas pelo golpe civil-militar e a Ditadura que se abateu sobre nosso país.

REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, Daniel. *A Revolução Faltou ao encontro: os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. *Ditadura e democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

_____. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru: EDUSC, 2004, 29 – 52.

_____. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

AARÃO REIS, Daniel; SÁ, Jair Ferreira de (org). *Imagens da Revolução: documentos políticos das organizações clandestinas de esquerda dos anos 1961 – 1971*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e História da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

DA-RIN, Silvio. *Hércules 56: o sequestro do embaixador norte-americano em 1969*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

DIRCEU, José. *Lula é o maior ídolo do Dirceu*. Entrevistador: Paulo Henrique Amorim. Mountain View: Google, 2018. (1h 15 min 16 s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MxU_AJcQVWc&t=615s> acesso em: 10 de setembro de 2018.

DREIFUSS, René. *1964: a conquista do estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Ângela de Castro. *1964: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2014.

FICO, Carlos. *O grande Irmão: da operação brother Sam aos anos de chumbo. O governo dos Estados Unidos e a Ditadura Militar brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2008.

GORENDER, Jacob. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014.

GROPPO, Bruno. Mito da sociedade como vítima: as sociedades pós-ditatoriais em face de seu passado na Europa e na América Latina. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 39 -56.

In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 77-95, p. 87.

JORGE, Eduardo. *FLUXO com Eduardo Jorge (parte 1)*. Entrevistador: Bruno Torturra. Mountain View: Google, 2014 (ca. 25 min 52 s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M54n1x_7Da8> acesso em: 10 de setembro de 2018.

LENIN, Vladimir Ilyich Ulyanov. *O Estado e a Revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na Revolução*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

MAGALHÃES, Vera Silvia. *Memória Política – Vera Silvia Magalhães*. TV Câmara. Mountain View: Google, 2011 (1h 00 min 57s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q8fUe7vsj2s&t=2357s>> acesso em: 10 de setembro de 2018.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 1995.

POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 2, nº 3, p. 3 – 15, 1989

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016

PRESOT, Aline. Celebrando a “Revolução”: as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (org.). *A construção social dos regimes autoritários: Brasil e América Latina*, vol. II. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2010. p. 71-96.

RIDENTI, Marcelo. Esquerdas armadas urbanas: 1964 – 1974. In: _____; AARÃO REIS, Daniel. *História do Marxismo no Brasil*, vol. VI. Campinas: Editora Unicamp, 2007a, p. 105 – 152.

_____. Marcelo. Esquerdas Revolucionárias armadas nos anos 1960-1970. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (orgs.). *Revolução e democracia (1964 - ...)*, (Coleção as esquerdas no Brasil, Vol. III).

_____. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

_____. Resistência e mistificação da resistência armada contra a ditadura: armadilhas para os pesquisadores. In: AARÃO REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964 – 2004)*. Bauru: Edusc, 2004, p. 53 – 66.

ROCHA, André Ítalo; BRIDI, Carla. Toffoli diz que prefere chamar ditadura militar de 'movimento de 1964'. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 1 Out. 2018. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,toffoli-nao-vi-projeto-nacional-mesmo-a-uma-semana-da-eleicao,70002527529>> acessado em 29 de outubro de 2018.

ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 77 – 95,

_____. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida. *O Brasil Republicano*. O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2013, p. 43 – 92

_____. História, memória e verdade: em busca do universo dos homens. In: SANTOS, Cecília Macdowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (org). *Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil*, vol. II. São Paulo: Editora Hucitec, 2009, p. 569 – 577.

SARLO, Beatriz. *Tempo Passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação

Elizabeth Johansen - Licenciada em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História e Região, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestre em História, pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Geografia, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Professora adjunta do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aracaju 8, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 381

Arquitetura 5, 120, 121, 122, 123, 125, 126, 129, 130, 131, 134, 135, 253, 369, 370, 371, 372

Arte 5, 7, 58, 59, 72, 73, 77, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 169, 178, 216, 241, 252, 396, 398

C

Capuchinhos 97, 100, 102

Centro cultural castrolanda 7, 132, 135

Colégio imaculada conceição 6, 89, 93

Cultura 1, 10, 12, 13, 14, 18, 25, 26, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 55, 56, 57, 58, 60, 65, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 80, 82, 83, 84, 87, 94, 102, 107, 110, 114, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 136, 149, 150, 151, 152, 155, 156, 178, 184, 186, 200, 215, 217, 230, 231, 263, 265, 320, 321, 323, 324, 327, 332, 333, 358, 361, 368, 375, 380, 386, 396, 397, 398, 399, 401

D

Discurso 10, 13, 14, 30, 39, 40, 59, 98, 100, 106, 115, 137, 141, 170, 175, 180, 181, 185, 189, 190, 191, 192, 197, 198, 232, 255, 258, 284, 327, 328, 329, 330, 335, 338, 339, 343, 345, 346, 386, 388, 389

Documento 31, 69, 96, 138, 140, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169, 172, 176, 187, 190, 192, 293, 297, 300, 344, 358, 369

E

Educação 1, 8, 9, 11, 12, 14, 48, 49, 51, 54, 56, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 106, 107, 108, 132, 134, 137, 151, 153, 200, 203, 228, 279, 281, 307, 312, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 335, 343, 345, 358, 364, 368, 386, 393, 399, 401, 402

Ensino de história 50, 51, 55, 401, 402

Escravidão 2, 4, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35, 36, 51, 221, 223, 226, 227, 327, 382

Estudos organizacionais 1, 2, 3, 6, 11

Eurocentrismo 1, 2, 5, 12

F

Feira de santana 8, 211

Filosofia-teológica 97

Fotografias médicas 157

Foucault 5, 175, 178, 180, 181, 185, 186, 187, 189, 194, 198, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 335

Fronteiras 2, 10, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 33, 36, 58, 94, 108, 109, 110,

116, 117, 118, 120, 197, 221, 254, 255, 256, 257, 259, 270, 278, 321

G

Giro decolonial 5

H

História 1, 3, 4, 15, 16, 19, 20, 24, 25, 26, 27, 28, 35, 37, 38, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 67, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 96, 97, 98, 102, 103, 104, 106, 107, 108, 110, 118, 120, 121, 124, 125, 126, 129, 130, 132, 134, 135, 138, 142, 143, 144, 145, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 168, 171, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 190, 197, 198, 201, 203, 206, 210, 211, 221, 226, 227, 229, 230, 233, 237, 239, 241, 243, 244, 245, 246, 252, 253, 254, 263, 265, 267, 274, 280, 286, 289, 291, 306, 307, 313, 317, 320, 321, 324, 326, 328, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 342, 345, 346, 347, 348, 349, 352, 363, 374, 375, 381, 382, 383, 384, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 401, 402

História da violência 180, 181, 198, 335

I

Infanticídio 7, 170, 171, 174, 175, 176, 177, 178, 183, 191, 322, 324

Intertextualidade 15, 167

Intervenção 3, 32, 120, 122, 124, 126, 128, 129, 130, 262, 267, 269, 297

L

Literatura 5, 6, 13, 14, 15, 16, 21, 55, 58, 72, 77, 81, 82, 115, 231, 238, 320, 338, 395

M

Manuais de ensino 7, 97, 98, 105

Memória 6, 16, 21, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 76, 86, 120, 123, 129, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 144, 145, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 176, 177, 183, 198, 199, 215, 216, 219, 241, 245, 246, 253, 274, 314, 326, 327, 335, 354, 362, 363, 395, 397, 398, 401

Moda 7, 82, 108, 109, 110, 111, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 395

Modernização 8, 99, 125, 201, 211, 213, 215, 216, 217, 288, 293, 297, 298, 307, 312, 316, 381, 387, 391, 392

Montes claros 6, 89, 92

Museologia 5, 132, 138, 143, 145, 153, 155, 156, 157, 397

Museu 7, 10, 128, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 310, 361, 393, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402

N

Narrativa 7, 15, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 49, 86, 87, 100, 103, 104, 106, 109,

110, 134, 135, 141, 143, 145, 152, 154, 155, 156, 173, 211, 212, 241, 242, 243, 245, 246, 248, 249, 252, 338

P

Passado 1, 17, 38, 39, 40, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 60, 61, 65, 66, 72, 73, 74, 76, 77, 79, 80, 86, 87, 103, 107, 125, 129, 130, 134, 150, 151, 155, 156, 173, 178, 185, 216, 247, 248, 256, 258, 268, 270, 278, 295, 296, 341, 344, 345, 355, 369, 385, 397

Patrimônio 17, 23, 34, 120, 122, 123, 124, 125, 129, 130, 131, 132, 138, 144, 145, 152, 153, 200, 202, 383, 396, 397, 401

Pensamento 1, 3

Poder 1, 2, 3, 4, 6, 7, 11, 13, 14, 20, 28, 31, 40, 46, 49, 52, 53, 54, 61, 65, 68, 72, 79, 91, 93, 95, 98, 100, 102, 114, 124, 129, 146, 149, 151, 170, 171, 177, 178, 180, 182, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 194, 196, 197, 198, 199, 213, 217, 231, 258, 260, 262, 266, 274, 279, 281, 283, 285, 287, 289, 297, 304, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 316, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 347, 349, 350, 351, 357, 359, 361, 362, 363, 371, 373, 381, 386, 387, 399

R

Relações familiares 219, 224, 226, 257

Relações sociais 25, 27, 35, 75, 99, 177, 213, 217, 350

Riqueza 8, 7, 25, 59, 163, 176, 200, 201, 203, 206, 209, 281, 283, 328, 350

S

Século XIX 9, 203, 349

Sociabilidades 211, 215, 217, 370

Sociedade 2, 3, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 18, 20, 25, 28, 32, 33, 35, 43, 45, 49, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 86, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 115, 121, 125, 132, 138, 156, 167, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 200, 201, 202, 212, 213, 216, 219, 222, 235, 236, 239, 245, 280, 289, 292, 293, 294, 296, 297, 298, 299, 300, 303, 304, 306, 312, 313, 321, 324, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 344, 346, 347, 349, 350, 353, 363, 366, 367, 370, 371, 377, 378, 383, 392, 393, 397, 399, 400

Sujeitos 7, 9, 11, 47, 48, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 156, 170, 171, 175, 177, 180, 183, 185, 186, 187, 188, 197, 212, 214, 226, 229, 256, 257, 291, 302, 306, 312, 313, 321, 322, 339, 350, 351, 397, 401

T

Tráfico de escravos 51, 219, 220, 222, 223, 226

V

Verdade 7, 10, 24, 32, 45, 49, 51, 53, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 73, 102, 105, 111, 158, 170, 171, 172, 173, 175, 176, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190,

191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 241, 244, 245, 252, 258, 298, 315, 327, 328, 332,
333, 335, 339, 371, 377, 388, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-650-8

